



As turmas do Movimento de Alfabetização já formaram 1.100 adultos em Alvorada



Rodrigo Antonio

# Todo mundo na escola

*Na periferia de Porto Alegre, um município aposta na educação como meio de combater a exclusão e a criminalidade*

**N**um tempo em que se discute se é a polícia ou o Exército quem deve combater traficantes de morros, a prefeitura de Alvorada tem uma resposta mais convincente às mazelas da criminalidade: a escola onipresente. Alvorada, uma das 22 cidades da região metropolitana de Porto Alegre, era um município de periferia com condições sociais precárias e altos índi-

ces de criminalidade. Como agravante, está situada na rota do tráfico de drogas no Rio Grande do Sul. No final dos anos 80, ficou nítida a necessidade de uma intervenção mais eficiente do poder público na cidade, que servia de válvula de escape populacional para municípios vizinhos e carecia de infra-estrutura e planejamento. Com a eleição da prefeita Stella Farias Lopes, empossada

em 1997, teve início a administração popular, que concentrou seus esforços na transformação da realidade social por meio de uma revolução na escola.

Com uma série de projetos, a prefeitura conseguiu fazer com que a existência de cada escola significasse a presença do Estado na sua comunidade. “Conseguimos reverter o quadro de participação escassa da comunidade, a

falta de autonomia das escolas, o baixo rendimento dos alunos e os altos índices de reprovação escolar”, diz o secretário de Educação, Alexandre Virgínio.

O instrumento inicial das mudanças foi um congresso intitulado Constituinte Escolar, de 1998. Discutiram-se a construção de uma gestão democrática, efetivos instrumentos de avaliação e organização curricular e princípios de convivência nas escolas. O conjunto de belas idéias corria o risco de ficar na retórica, mas a prefeitura conseguiu levar todas elas à prática.

**L**iberdade de escolha – Hoje, todas as escolas têm eleições diretas para diretor e podem decidir com autonomia os rumos de seu projeto pedagógico. Podem até resolver se adotam ou não a polêmica progressão continuada, estratégia que combate a repetência postergando a avaliação do aluno para o final de um ciclo de estudos. Para assessorar os conselhos escolares, a Secretaria de Educação promove debate permanente com as escolas. A lógica do diálogo, preconizada pelo educador Paulo Freire, é seguida em todas as instâncias, de modo a adaptar as decisões à realidade de cada comunidade.

E é uma realidade dura. Os bairros com maior índice de criminalidade, como Umbu e Americana, não têm

postos de polícia e vêm nas escolas a principal referência do poder público. Mas a aposta na educação – somada à ampliação do número de unidades básicas de saúde e de um programa de assistência psicológica às crianças e aos adolescentes – trouxe bons frutos. As estatísticas apontam uma mudança impressionante. Em 1997, foram 1.193 casos de assalto a ônibus; em 2002, esse número caiu para 316. Os investimentos em escolas foram inversamente proporcionais. Em 1996, a cidade gastou em educação R\$ 5,5 milhões. Em 2003, investiu R\$ 23 milhões.

Projetos educativos auxiliares contribuíram com esse processo. O Movimento de Alfabetização (Mova) atualmente conta com 16 turmas constituídas e um total de 165 alunos. Desde 1999, quando foi implantado, alfabetizou 1.100 alunos. Já o Serviço de Educação de Jovens e Adultos (Seja) atende os que nunca estiveram na escola ou que dela foram excluídos por problemas sociais ou sucessivas reprovações. A estratégia para a educação se

completa com o Projeto Alvorecer, que busca o envolvimento da comunidade no ato educativo.

Nas discussões do Orçamento Participativo, a conservação das escolas tem sido prioridade, num reconhecimento da população ao trabalho realizado. Os moradores, por sinal, hoje se sentem mais vinculados à cidade. “Alvorada sempre foi vista como uma cidade-dormitório”, afirma o secretário da Cultura, Wilson da Costa. “Antigamente, quando se falava ‘vou ao centro’, todo mundo pensava em Porto Alegre.” Hoje, o centro é a enorme

Praça João Goulart, num lugar antes conhecido apenas como Parada 48. A praça é o coração do agito cultural na cidade. Lá se realizam anualmente o Festival de Arte Educação, a mostra de ciências, as feiras do livro e shows. A escola vai à praça e

começa a construir os vínculos permanentes, da auto-estima, da identidade e da cultura. “Toda a comunidade se envolve”, diz o secretário Virgínio.

**Rodrigo Antonio, de Alvorada**



## A lógica da participação

Além de transformar a vida de milhares de alunos, a prefeitura de Alvorada tem conseguido resgatar a dignidade profissional de centenas de educadores. É o caso de **Sandra Cettolin**, de 36 anos, diretora da Escola Municipal Almira Feijó. Há dez anos seu salário era de R\$ 120. Depois

de concluir o magistério, escolheu a cidade de Alvorada para trabalhar. Puro idealismo: receber pouco e lecionar na periferia de uma “cidade-dormitório”, sem condição de trabalho. Hoje Sandra recebe R\$ 1.900, por 40 horas semanais. Segundo ela, porém, o maior ganho não foi o salarial. “Somos ouvidos, somos cativados permanentemente a participar”, diz. Envolvida com suas tarefas, ela chega a passar 13 horas por dia na escola.